



FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE  
SERGIPE – FANESE  
MBA EM GESTÃO EMPRESARIAL E DESENVOLVIMENTO  
ORGANIZACIONAL

**GILBERTO ANDRADE DOS SANTOS**

**EMPREENDEDORISMO POR OPORTUNIDADE OU NECESSIDADE: O  
TRABALHO INFORMAL NOS MOMENTOS DE RECESSÃO**

Aracaju – SE

2018

**GILBERTO ANDRADE DOS SANTOS**

**EMPREENDEDORISMO POR OPORTUNIDADE OU NECESSIDADE: O  
TRABALHO INFORMAL NOS MOMENTOS DE RECESSÃO**

Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Pós-graduação em MBA em Gestão Empresarial e Inteligência Organizacional, da Faculdade de Administração de Negócios de Sergipe – FANESE.

Orientador (a): Prof. Dr. André Felipe Barreto Lima  
Coordenadora de Curso: Profa. MSc. Felora Daliri Sherafat.

Aracaju – SE

2018

**GILBERTO ANDRADE DOS SANTOS**

**EMPREENDEDORISMO POR OPORTUNIDADE OU NECESSIDADE:  
O TRABALHO INFORMAL NOS MOMENTOS DE RECESSÃO**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e Extensão – NPGE, da Faculdade de Administração de Negócios de Sergipe – FANESE, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Gestão Empresarial e Desenvolvimento Organizacional**

---

**Avaliador: Prof. Dr. André Felipe Barreto Lima**

---

**Coordenadora do Curso: Profa. MSc. Felora Daliri Sherafat**

---

**Aluno: Gilberto Andrade dos Santos**

**Aprovado (a) com média: \_\_\_\_\_**

**Aracaju (SE), \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.**

# EMPREENDEDORISMO POR OPORTUNIDADE OU NECESSIDADE: O TRABALHO INFORMAL NOS MOMENTOS DE RECESSÃO

\* Gilberto Andrade dos Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

Nos dias atuais, com as últimas transformações ocorridas nas relações econômicas, sociais e políticas no país, decorrentes do acentuado processo de recessão que vivenciamos, gerou um grande índice de desemprego. Faz-se necessário as pessoas estarem procurando outros meios legais de sobrevivência, através do mercado informal, tornando-se assim, vendedores ambulantes ou camelôs, ou seja, a pessoa que trabalham com venda de produtos e serviços no mercado informal por conta própria e sem estarem regularizados com a legislação vigente. Este artigo tem por objetivo geral, verificar como se dá todo esse processo envolvendo o mercado informal com foco no empreendedorismo, na legislação vigente, situação do mercado atual e a economia no momento de recessão. Assim, foi realizada um levantamento bibliográfico e a coleta de informações (materiais publicados em livros, revistas, sites, artigos, dissertações e teses) a respeito do problema a ser analisado, buscando-se uma resposta a partir da hipótese levantada. Deste modo, tornou-se possível constatar as particularidades sobre tal situação relacionando o empreendedorismo como alternativa diferencial de retorno ao mercado formal, auto emprego ou auto ocupação. Como conclusão, percebe-se que mesmo havendo algumas divergências sobre o trabalho informal, ele vem sendo primordial para a economia e sobrevivência das pessoas principalmente aqueles embasado no empreendedorismo.

**Palavras-chaves:** Empreendedorismo. Empreendedorismo por Oportunidade e/ou Necessidade. Legislação. Trabalho Informal.

---

<sup>1</sup> Acadêmico concludente do Curso de Gestão Empresarial e Inteligência Organizacional pela FANESE. Email: gilbertoages@hotmail.com

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	05
1.1 EMPREENDEDORISMO.....	05
1.2 OBJETIVO.....	06
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	06
<b>3 DESENVOLVIMENTO</b> .....	13
3.1 TRABALHO INFORMAL.....	13
3.2 LEGISLAÇÃO .....	17
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	20
<b>ABSTRACT</b> .....	21
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	22

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo vem revolucionando o mercado e tudo à sua volta com maneiras diferenciadas, comportamentos, ações inovadoras capazes de gerar grandes impactos na sociedade como num todo, entre estes, sendo o crescimento socioeconômico, crucial para o desenvolvimento mundial. O empreendedorismo surgiu para agregar valor nas mais diversas áreas e contextos, pois suas contribuições não param de brotar, e inclusive suas perspectivas são visionárias, ou seja, capazes de prosseguir por vários anos.

De acordo com essa perspectiva:

“Um dos principais autores que distinguem as primeiras concepções sobre empreendedorismo foi Richard Cantillon (1680-1734), uma notável figura que contribuiu com primeiras proposições a cerca do empreendedorismo, destacando que os empreendedores estavam envolvidos em trocas de mercadorias direcionadas ao lucro e decisões empresariais, tomadas em face das incertezas. Uma das características de análise para Cantillon foi a ênfase sobre o “risco e as incertezas” (HISRICH, 2009).

A partir de então, o conhecimento e novas descobertas de oportunidades no meio comercial começaram a surgir tomando força e desenvolvendo o empreendedorismo continuamente ampliando-se as percepções empreendedoras cada vez mais contundentes ao que é hoje.

O referido artigo procura apresentar e analisar todos os parâmetros envolventes no mercado informal com foco no empreendedorismo, na legislação vigente, situação atual do mercado e a economia atual em momento de recessão. As particularidades motivacionais impulsionadoras a pesquisar sobre tal situação é que, com o grande número atual de desempregados no país e uma economia cada vez mais em colapso torna-se prazeroso investigar, identificar e expor à sociedade a situação da economia informal no mercado atual. Sendo assim, no mencionado estudo questionou-se a existência da relação entre o desemprego e o

empreendedorismo como diferencial de alternativa até o retorno ao mercado formal, auto emprego ou auto ocupação.

## **1.2 OBJETIVO GERAL**

O presente artigo tem como finalidade demonstrar e analisar o empreendedorismo de oportunidade e/ou necessidade com ênfase no trabalho informal, em uma sociedade economicamente em processo de construção, desconstrução, transformação e reinvenção, ou seja, cada vez mais em recesso e com altas taxas de desemprego; assim consequentemente levando essa fração da sociedade a exclusão social, criando um exército de desempregados.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

As ligações com o mercado e organização de empresas estão sempre relacionadas ao empreendedorismo, entretanto, englobam-se inúmeras características ao termo, uma das principais é a inovação.

Segundo Dornelas (2008, p.18):

“A inovação é o instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio diferente. Os empreendedores precisam buscar, de forma deliberada, as fontes de inovação, as mudanças e seus sintomas que indicam oportunidades para que uma inovação tenha êxito.”

Segundo Dolabela (2006, p. 38) “é necessário possuir um comportamento proativo, o qual se observa um desejo de aprender a pensar e agir por conta própria, com criatividade, liderança e visão de futuro, transformando esse ato em prazer e emoção”.

Todas as gerações estão expostas no mercado, a experiência é crucial para gerir rumos nos negócios correndo menos riscos, tendo maior segurança em investimentos, maior conhecimento, contatos, enfim, o que pôde ser aperfeiçoado ao longo dos anos. Ao mesmo tempo, o crescimento passa a ser paralelo, dificultando o

alcance de novos mercados, mas isso não significa que um empreendedor com faixa etária mais elevada é ultrapassado, rejeitado ou frustrado; há espaço para todos. Para isso é preciso ousar, criar, correr riscos, fazer novas experiências possibilitando que adentrem novos atores, com novas inspirações, novas características e que ainda, atendam novos públicos.

Desse modo, Fialho et al. (2006) salienta que “ser criativo implica em saber onde quer chegar, ser curioso, informado, desenvolvendo uma forte habilidade de gerar um grande número de ideais. Despertar para a realidade permitindo alterar-se o seu código de leis, normas, crenças, bem como os valores internos”.

Filion (1999) acrescenta que:

“Existem perspectivas diferentes para explicar porque determinados indivíduos exploram certas oportunidades. Assim, duas correntes de pensamento se destacam: os economistas, que associam a atividade empreendedora à inovação, e, os comportamentos que associam a atividade empreendedora às características intrínsecas ao indivíduo, como intuição e criatividade.”

Contudo, o autor expressa que é difícil considerar apenas a racionalidade no comportamento dos empreendedores de acordo com o que os economistas pressupõem, ao tempo que é difícil considerar a necessidade de realização do indivíduo e seu comportamento como determinantes para a criação de um negócio, que vai muito além.

Mas afinal, o que é empreendedorismo? Essa pergunta não é fácil de ser respondida, pois o empreendedorismo é muito complexo e abrangente, alguns autores ponderam a comportamentos e atividade empreendedora voltada à geração de lucro. Para Shane e Venkataram (2000) “não há consenso na literatura a respeito de uma definição para Empreendedorismo”.

Dessa forma, Shane e Venkataram (2000), acrescentam que “para haver empreendedorismo pessoas precisam possuir diferentes crenças e diferentes valores, determinados indivíduos conseguirão vislumbrar a possibilidade de criação de bens ou serviços”.

Sabe-se que o empreendedorismo é uma das principais fontes de geração de demanda e oferta, contribuindo com a inserção de produtos e serviços,

geralmente a partir da transformação de uma ideia, valores e comportamentos, através de inúmeras ações que são capazes de satisfazer ou suprir as necessidades e ainda cruciais para a sobrevivência da sociedade. É bastante amplo, além de não ser fácil agradar o ser humano e gerar transformações aceitáveis, pois muitas vezes, as mudanças podem não ser aceitas, ficando expostas às resistências e riscos.

De acordo com Dolabela (1999, p.43):

“Empreendedorismo é um neologismo derivado da livre tradução da palavra entrepreneurship e utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor, suas origens, seu sistema de atividades, seu universo de atuação. A palavra empreendedor de emprego amplo é utilizada nesta percepção para designar principalmente as atividades de quem se dedica à geração de riquezas, seja na transformação de conhecimentos em produtos ou serviços, na geração do próprio conhecimento ou na inovação em diversas áreas”.

Pode-se dizer que o empreendedorismo é fundamental para a economia, pois sem ele não seria possível ter percepções e aproveitamento de novas oportunidades, visto que o mercado precisa de inovações que substituam ou melhorem os produtos e as tecnologias existentes.

O empreendedorismo é a melhor ação contra o desemprego, sendo um agente transformador que contribui ainda na construção de um mundo melhor através da sustentabilidade social e financeira, que por sinal é mais uma adaptação do cenário em que a humanidade vive. Segundo Timmons (1994) “o empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que será para o Século 21 mais do que a Revolução Industrial foi para o Século 20”.

O ambiente atual exige de todos um comportamento empreendedor, os jovens por sua vez, encontram-se capazes de empreender, mas muitos desconhecem as diversas formas e oportunidades à sua volta, devido a fatores sociais, culturais, ou mesmo pela ignorância ao tema. Outros já estão bastante inteirados e motivados a desfrutar e oferecer o que há de melhor um do outro.

Percebe-se que esse fenômeno é cada vez mais valorizado diante do alto grau de contribuição com o desenvolvimento econômico, pois muitas das inovações

provindas do ato de empreender têm gerado esse desenvolvimento. Diante disso, surgem estudos que analisam e evidenciam os impactos gerados em todo mundo.

Dornelas (2008, p.07) mostrou os principais:

“Um desses estudos, que tem sido feito de forma sistemática em vários países do mundo, é o estudo promovido pelo grupo do Global Entrepreneurship Monitor, liderado pelo Babson Collage, nos Estados Unidos, e a London Business Scoll, na Inglaterra: trata-se do mapeamento da atividade empreendedora dos países, buscando entender o relacionamento entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico, e quando às atividades empreendedoras de um país estão relacionadas à geração de riqueza desse mesmo país.”

O empreendedorismo deve ser disseminado para que todas as pessoas e classes compreendam a sua relevância e comecem a pensar de maneira ampla, para um futuro melhor. Por isso, a educação é fundamental nesse processo, trazendo o empreendedorismo para dentro não apenas da sala de aula, mas para a vida cotidiana, quebrando paradigmas e instigando o que há de melhor nesses jovens que são sem dúvida, capazes de gerar cada vez mais transformações essenciais às pessoas, a saúde, educação, economia e todo o ambiente no qual estão inseridos.

O Brasil é um país repleto de culturas diversificadas e pessoas altamente motivadas para os negócios, por isso, o empreendedorismo vem se destacando muito e ganhando cada vez mais força, pode-se dizer também que essas práticas e perfis empreendedores já existiam muito antes, só que com uma noção limitada e pouco conhecimento e debate sobre tal.

Organizações como o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas) que é a uma entidade de apoio aos empreendedores do Brasil, vem dando suporte empresarial para que pequenos empresários saibam lidar com as situações rotineiras dos negócios, tendo visão sobre o mercado e às exigências para ser capaz de sobreviver à competitividade e dificuldades existentes nesse ambiente. Nessa mesma perspectiva o Instituto *Empreender Endeavor*, presente não somente no Brasil como também em outros países é uma verdadeira

fonte de incentivos ao empreendedor brasileiro que através da identificação de oportunidades de negócios, analisa fatores cruciais como sustentabilidade e potencial de crescimento e contribui fortemente para tornar o empreendimento escalável com orientação de grandes e renomados profissionais.

Existem muitos empreendedores brasileiros, mesmo diante das dificuldades impostas pelo governo com altas taxas tributárias, outro ponto relevante ao se relatar sobre empreendedorismo no Brasil é o tipo que é desenvolvido com mais frequência, consistindo em sua maioria no empreendedorismo por oportunidade e/ou necessidade.

Segundo relatório do *Global Entrepreneurship Monitor 2011 (GEM)*, no Brasil, o empreendedorismo por oportunidade com 2,24 para cada empreendedor por necessidade. Em outros países a média foi semelhante com 2,2 para cada empreendedor por oportunidade para cada um por necessidade como foi o caso dos Estados Unidos.

Mesmo assim, há muito o que ser feito, pois as taxas de desempregos se elevam e assim a população sem alternativa buscam meios para sobrevivência, essa necessidade em estilo de urgência pode ocasionar aos futuros empreendedores a abertura de um negócio sem o planejamento devido, com isso, acabam arriscando em abrir um negócio sem o conhecimento necessário e em alguns casos ilicitamente.

Percebe-se ainda a importância do empreendedorismo no país, que independentemente do tamanho da organização, o que deve ser considerado é seu potencial de oportunidades atreladas à inovação, criatividade e possibilidades para as pessoas, a região e o país.

“O Brasil entra neste novo milênio com todo potencial para desenvolver um dos maiores programas de ensino de empreendedorismo de todo o mundo, comparável apenas com os Estados Unidos, onde mais de 1.500 escolas ensinam empreendedorismo. Seria apenas ousadia se não fosse possível” (DORNELAS, 2005, p.27).

Pode-se dizer que o Brasil tem todo potencial para ser um grande promotor de empreendedorismo, visto que, os empreendedores têm somente a acrescentar

no desenvolvimento do país que está em constante mutação. Quando se fala de empreendedorismo, é comum ouvir diversos posicionamentos acerca do mesmo, entretanto, deve-se compreender que suas características dependem da situação e do tipo de empreendedorismo para, a partir daí, pode-se associar e analisá-lo corretamente. Da mesma maneira ocorre em relação aos empreendedores, que possuem comportamentos diferenciados, mas todos estes, de maneira geral estão envolvidos na mesma ação.

A oportunidade é uma característica fundamental na perspectiva do tipo de empreendedorismo, conseqüente a isso é muito citada ao se falar do tema por ser condizente com as melhores práticas. Observada uma oportunidade, é possível melhorar o que ela poderá promover o significado da própria palavra já traz a ideia de análise, garantia, conveniência, ou seja, resultados esperados, mas é claro que também há riscos, mesmo que estes sejam menores e calculados.

Dornelas (2008, p.08) cita que:

“Quanto mais empreendedorismo de oportunidade estiver presente em um país maior será o seu desenvolvimento econômico, o que, por conseguinte, permitirá a esse país a criação de mecanismos que estimulem as iniciativas empreendedoras.”

A oportunidade pode ser vislumbrada em tudo, desde o já existente, possibilitando melhorias e agregando diferenciais ao novo criando novas perspectivas nunca vistas.

Por outro lado, o empreendedorismo por necessidade surge de maneira inesperada diante de situações que também são moldadas de acordo com as influências econômicas, sociais e culturais que o ambiente ocasiona, diante da falta de alternativa buscam-se maneiras de sobrevivência, que podem ser atendidas ou fracassadas pelo elevado risco que corre ao buscar empreender sem análises mais coerentes ao que o mercado espera. Geralmente, muitas pessoas criam um negócio próprio apenas para obtenção de renda em um determinado momento ou fase da sua vida, sem interesses maiores em desenvolver o negócio e buscar oportunidades e artifícios de empreender.

Tal análise é ampliada por Hashimoto (2006, p.09):

“Em relação à necessidade, as altas taxas de desemprego, a crescente competitividade no mercado de trabalho e as exigências cada vez mais rígidas em termo de dedicação, capacitação e produtividade das empresas estão forçando o surgimento de empreendedores “na marra”. O empreendedor que abandona a empresa e acaba se desesperando com muitas dificuldades nessa transição.”

A necessidade também expõe uma alternativa de empregabilidade para jovem e/ou outras gerações frente a um mercado que oportuniza o desenvolvimento profissional. A partir das necessidades geradas por fatores regionais ou socioeconômicos devem superar as dificuldades e exigências, pois mesmo no empreendedorismo por necessidade é possível superar as expectativas de mortalidade das empresas que iniciam muitas das vezes sem nenhum tipo de planejamento.

Filion (1999) afirma que:

“O empreendedorismo constitui um fenômeno regional, uma vez que culturas, necessidades e hábitos de uma região influenciam os comportamentos, que por sua vez, se refletem na maneira como um indivíduo decide se dedicar ao empreendedorismo, criando e organizando sua própria empresa”.

O fato de empreender por necessidade não indica que o negócio não irá dar certo, mas sim, está exposto a riscos e erros que podem ser fatais à sobrevivência do mesmo. Muitos desses empreendimentos mesmo diante das dificuldades conseguem se destacar e com o tempo aprimoram seus processos de acordo com as necessidades do mercado . Para isso, é preciso estar atento às transformações e ser bastante dedicado e persistente; essas são fortes características empreendedoras. O empreendedorismo por necessidade pode ser aprendido posteriormente a abertura do negócio que, inicialmente por acaso e, com o tempo, a prática e a experiência é possível desenvolver um negócio tão próspero quanto um almejado por oportunidade.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 TRABALHO INFORMAL

Já se foi à época em que existia o emprego estável, o trabalhador vivia anos e anos em uma mesma organização até o momento de sua desejada aposentadoria. Hoje o profissional não tem as mesmas garantias existentes anteriormente; até mesmo qualificado poderá a qualquer momento estarem disponíveis no mercado de trabalho; atualmente cresce cada vez mais significativamente essa condição de pessoas disponíveis ao mercado, que muitas das vezes não conseguem logo retornarem ao trabalho formal e assim, acabam entrando em um novo paradigma da nossa sociedade, que cada vez mais está passando a utilizar o segmento paralelo, ou seja, inserindo-se no mercado informal.

Ulyssea (2005) realça que após um período de relativa estabilidade, de 1983 a 1989, o mercado de trabalho brasileiro apresenta, a partir de 1990, uma elevação do nível de informalidade, consequência da perda de dinamismo da economia. Já Leone (2010) enfatiza que a elasticidade do emprego em relação à atividade econômica, que esteve baixa nos anos 1990 devido aos efeitos nocivos da abertura comercial e financeira, apresentou entre 2004 e 2008 uma magnitude mais elevada. Cerca de 50% da População Economicamente Ativa exerciam atividades informais, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2007).

Atualmente a alta do trabalho informal nos últimos meses colaborou para a queda do desemprego no trimestre encerrado em novembro. A taxa fechou o ciclo em 12 % com 12,6 milhões de brasileiros desocupados, inferior aos 12,6% registrados no trimestre imediatamente anterior .Dessa forma, houve um aumento de 5% do total de brasileiros que trabalham por conta própria .

Na perspectiva do portal G1 (2018):

“Apesar de a taxa de desemprego ter começado a cair em 2017, muitos brasileiros ainda não sentem uma melhoria efetiva do mercado de trabalho. Uma das razões é que, durante o ano, a grande maioria dos postos de trabalhos criados no Brasil foi composta de vagas informais. No entanto, mesmo nesse cenário,

Salles comenta que “o pior do desemprego já ficou para trás”, e prevê que a taxa de desemprego encerre 2018 em 11,9%. No entanto, para 2018, Ribeiro e Velho alertam que a taxa de desemprego deve ser analisada com cuidado. Isso porque, com a recuperação da economia se fortalecendo, muitas das pessoas que haviam desistido de procurar emprego (e que, portanto, saíram das estatísticas sobre desempregados) devem voltar às buscas, impactando o índice de desocupação.”

Conforme realçam Tonelli e Queiroz (2010), desemprego e crescimento econômico estão intimamente relacionados, de modo que não se pode analisar uma variável, sem entender o comportamento da outra. A precariedade da economia atual que vem atingindo o mercado faz com que um emprego bem remunerado, seguro e com todos os benefícios, seja cada vez mais raro manter-se nele. Sendo assim tornando o ingresso ao setor informal uma alternativa, que muitas das vezes aparece mais como solução frente à falta de opções do que como uma escolha espontânea mesmo sabendo que partindo para informalidade irá perder vários benefícios, até mesmo abrindo mão de direitos trabalhistas e salários maiores em busca de uma fonte de renda para sua sobrevivência e também de sua família.

Tavares (2002, p.13) explica que o trabalho informal tem se consubstanciado, em geral, em “atividades de sobrevivência orientadas para a reprodução do trabalhador e do seu núcleo familiar”.

“Com uma banca improvisada bem no meio do canteiro da Avenida Tiradentes, bairro Embratel, área de intenso tráfego em Porto Velho, por falta de emprego formal, vendedores ambulantes buscam o sustento nas ruas, vendendo as frutas de época, como abacaxi, manga, pitomba, melancia e morango. Com chuva ou sol o trabalho é realizado todos os dias por homens e mulheres.

Em 2010, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Rondônia registrou 195.921 pessoas trabalhando por conta própria. Aproximadamente 12,5% da população do estado, sendo 43.688 pessoas em Porto Velho.

Essa realidade não é só dos moradores de Rondônia, mas também das pessoas que aqui chegam, como a haitiana Gprrose Marceline, 28 anos, casada, mãe de quatro filhos, em idade de 7 a 15 anos, para ajudar seu marido que é pedreiro a sustentar a família, sua única saída foi vender frutas nas ruas. Seu horário começa às 8h e termina às 17h e toda vez que o semáforo fecha, ela oferece seus produtos entre os carros parados na Avenida Tiradentes, em Porto Velho. (...)

Já no cruzamento das avenidas José Vieira Caúla com Rio Madeira encontramos o vendedor ambulante Jardel Carvalho Santos, 28 anos, que desde 2011 trabalha nas ruas vendendo frutas e água. A oportunidade na rua surgiu depois que ficou desempregado da construção civil. Antes ele trabalhava como pedreiro. Segundo ele, foram tantas dificuldades enfrentadas que ele resolveu ir à luta e assumir de vez a profissão de vendedor ambulante. “Hoje estou faturando por dia uma média de 70 reais. Com esse dinheiro, pago aluguel, alimentação e ainda ajudo meus pais que cuidam do meu filho que tem seis anos”, acrescentou.

(Mariza Rocha, 2017).

Sendo assim, a via informal é uma alternativa encontrada por muitos trabalhadores que são excluídos desse cenário devidos às condições atuais existentes que dificultam a sua inserção. A compreensão do termo “trabalho informal”, embora muitas das vezes adotados pelas ciências sociais e econômicas brasileiras refere-se a situações demasiadamente diversas para serem agregadas por um mesmo conceito. Há uma grande discordância em torno do significado desta palavra. Isso não se deve as divergências metodológicas apreciadas, mais sim, na verdade a própria natureza do trabalho informal é complexa, englobando diferentes categorias de trabalhadores com inserções ocupacionais bastantes peculiares como: Vendedores Ambulantes (Camelô), Pipoqueiros, Vendedores de Loterias, Feirantes, dentre outros.

Na perspectiva de Cacciamali (2011, p.03), tornar o debate saudável requer delimitar o espaço e os pontos da discussão:

“A origem da expressão ‘trabalho informal’, segundo Silva e Barbosa (2001), deriva dos estudos realizados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) no âmbito do Programa Mundial de Emprego de 1972. Ela aparece, de forma particular, nos relatórios a respeito das condições de trabalho em Gana e Quênia, na África. Nestes países constatou-se um grande contingente de trabalhadores vivendo de atividades econômicas consideradas à margem da lei e desprovidas de qualquer proteção ou regulação pública. Segundo os mesmos autores, o ponto de partida de classificação do trabalho informal é a unidade econômica caracterizada pela produção em pequena escala, pelo reduzido emprego de técnicas e pela quase inexistente separação entre capital e trabalho. A baixa capacidade de acumulação de capital e empregos instáveis com rendas reduzidas também caracterizariam o trabalho informal, além de ausência de relações contratuais regidas por legislação trabalhista e fiscal, baixos salários, longas jornadas de trabalho e a completa falta de direitos sociais por parte dos trabalhadores. Para alguns analistas de vertente marxista como Singer e Pochman – citados por Silva e Barbosa (2001) -, o trabalho informal é um fenômeno estrutural do modo de produção capitalista e os trabalhadores informais seriam o excedente da força de trabalho resultante das necessidades do capital, sujeitando-se à exploração em troca de remunerações ocasionais e irregulares.”

Já no Brasil, o entendimento popular de “trabalho formal” e “informal” pode-se dizer que deriva de um termo jurídico. “Informais” são aqueles empregados que não trabalham com carteira assinada; enquanto os “formais” são aqueles que trabalham com carteira assinada (ANTUNES, 2002).

Outros tantos autores o definem como sendo aquele onde prevalece o mínimo de intervenção do governo, não cumpre as leis ou regras, especialmente as legislações fiscais e trabalhistas, sem contratos registrados juntos à seguridade social, sem tempo de duração e sem que sejam definidos de forma clara itens básicos como função, horas trabalhadas, descanso semanal remunerado, entre

outros (CHAHAD, 1988; CACCIAMALLI, 2000; GREMAUD; VASCONCELLOS, TONETO JR, 2004).

Pastore (2005), aponta para a noção de um setor informal desprotegido pela legislação e, portanto, excluído de benefícios decorrentes da relação de emprego formal. A questão do trabalho informal no país ganha importância a cada dia. Visto que, além do grande número de trabalhadores informais já existentes, o mesmo vem aumentando ao longo dos tempos, já que vários fatores vêm contribuindo para construção desta nova realidade no mercado. Torna-se preocupante o percentual de trabalhadores que não possui carteira de trabalho assinada (POCHMANN, 2000). Pode-se definir o trabalho informal como aquele vinculado a estabelecimento de natureza não tipicamente capitalista, onde o núcleo básico seria formado pelos trabalhadores por conta própria.

De acordo com Dombrowski (2000), o trabalho informal pode tanto indicar uma estratégia de sobrevivência face à perda de uma ocupação formal, como uma opção de vida de alguns segmentos de trabalhadores que preferem desenvolver o seu “próprio negócio”. Segundo Prealc (1978), os ocupantes do setor informal eram caracterizados como socialmente pobres, com menor grau de instrução e em faixas etárias que incluem tanto os mais jovens quanto os mais velhos.

Nesta visão, a lógica de atuação no mercado prende-se às estratégias de sobrevivência de indivíduos com uma única motivação, escapar da miséria absoluta, recorrendo-se ao auto emprego e a outras formas de trabalho por conta própria, assim como os micros empreendimentos. Tais iniciativas procuram operar num espaço econômico não ocupado por empresas capitalistas e têm como traço comum a baixa produtividade do trabalho (CACCIAMALI, 2000).

Por outro lado, diante do vasto campo das diversas possibilidades dado pelos trabalhos informais o conceito de informalidade deve ser antes de tudo, compreendido como um conceito amplo, indefinido e, muitas vezes, usado de modo equivocado associado à ideia de ilegalidade.

No ponto de vista de Adolfo Furtado (2004, p.5): “A realidade é bem mais confusa. Se alguns autores (PORTES, CASTELLS E BENTON, 1989) já chegaram a dizer que o setor informal é ‘um conceito em busca de uma teoria’, Dessa maneira

compreende-se que existe um equilíbrio entre mercado formal e informal, onde a economia juntamente com as necessidades das pessoas está moldando esses aspectos cada vez mais.

## **2.2 LEGISLAÇÃO**

Com o advento da economia atual cada vez mais em colapso o governo tentar a algum tempo de varias formas injetar mecanismo que possam inserir situações que traga o equilíbrio econômico e dessa forma o retorno a patamares favoráveis. Sendo assim, dentre vários fatores implantados para tal finalidade; será explanado o estudo na Lei Complementar nº 128, de 19 de dezembro de 2008 que direta e indiretamente tem a vê com a conjuntura em análise.

Com informações via Ministério da Fazenda (2018):

“Uma das principais agências de classificação de risco, a Standard & Poor’s (S&P) reconheceu na noite de quinta-feira (11) os esforços do Governo do Brasil para reequilibrar as contas públicas por meio de uma “ampla agenda de reformas”. Em nota, a instituição rebaixou a nota de crédito do Brasil, uma espécie de selo de bom pagador, enquanto aguarda a conclusão da reforma da Previdência Social, entre outras medidas de ajuste fiscal. Ao enfatizar a agenda positiva do governo brasileiro, a agência citou medidas como o teto de gastos e a modernização trabalhista como exemplo da agenda de fortalecimento das contas públicas. Em resposta, o Ministério da Fazenda reforçou o compromisso em continuar com as reformas estruturais, fundamentais para a economia brasileira”.

Logo, após acompanhamento do alto índice de pessoas migrando cada vez mais para trabalhar via mercado informal, seja por oportunidade e/ou necessidade, e conseqüentemente a economia formal em baixar o governo procurou meios para legalizar essas pessoas e assim de certa forma minimizar a situação da economia, visto que anteriormente os empreendedores brasileiros com esse segmento não eram acompanhados pela legislação. Para isso, a Lei Complementar nº 128, de 19 de dezembro de 2008, foi criado com finalidade de formalizar empreendedores que

trabalham na clandestinidade. O Microempreendedor Individual – MEI é a figura jurídica cujo objetivo é facilitar a formalização da atividade de pequenos empreendedores, tais como: camelôs, sapateiros, carpinteiros, manicures, cabeleireiros, etc (RUBIO, 2009).

Dentre os principais objetivos da MEI estão em abrir mais opções para esses empreendedores através da formalização, já que assim eles poderão comercializar e/ou prestar serviços a empresas, governos; possuir CNPJ, ter direitos garantidos previdenciários como; o auxílio doença, auxílio maternidade, aposentadoria, bem como emissão de nota fiscal, abertura de conta bancária como pessoa jurídica, e assim ter acesso a financiamento, entre outros.

Por outro lado, é necessário apenas o pagamento de uma taxa mensal correspondente a recolhimento da Previdência Social e ISS. De acordo com Pimentel (2012), tudo começou a mudar em 2016, com a aprovação do novo Estatuto das Micro e Pequenas Empresas, que instituiu uma série de estímulos ao empreendedorismo. De acordo com o site “Pequenas Empresas & Grandes Negócios” (2018), hoje no país já são mais de 7,6 milhões de MEIs em mais de 500 profissões, como artesãos, pintores, chocolateiros, boleiros, manicure, depiladoras, diarista, cuidador de animais, entre outras.

“A pizzeria *Brother’s* Mesquita, nasceu da ideia de Abdias Mesquita que, assim como tantos brasileiros, quer ser dono do próprio negócio. Ele trabalhou como cozinheiro em restaurante e vendeu caldo de cana na feira. Depois de participar de um evento do Sebrae/RJ na comunidade, o “Café com empreendedor”, foi orientado a se formalizar, recebendo todo o apoio para obter o registro na categoria de microempreendedor individual (MEI) e suporte para uma gestão eficiente. Abdias recebeu consultoria individual gratuita sobre a elaboração do modelo de negócio, desde o planejamento até o fluxo de caixa, e participou das oficinas do SEI e do curso “Aprender a empreender”. Assim, adquiriu confiança, aprendeu a controlar gastos, administrar as entradas, saídas de capital e a se relacionar com os clientes e fornecedores e, com isso, transformar a pizzeria em um negócio rentável. Ele se considera um empreendedor de sucesso, em consequência da capacitação do Sebrae/RJ. Com as vendas crescendo e vendo o lucro aumentar em

15%, já faz planos de deixar de ser MEI para se tornar um microempresário” (SEBRAE RIO, 2017).

Entretanto, muitos empreendedores que viraram Microempreendedor Individual não conseguiram prosperar e estão com situação irregular tornaram-se inadimplentes. A Receita Federal deve cancelar o registro de cerca de 1,2 milhão de microempreendedores individuais (MEIs) em todo o país até o fim deste ano (Portal Abril, 2017).

Para Daniela, do site Estadão (2017),

“O aumento na formalização através do MEI ajuda a simplificar o pagamento dos tributos, mas as condições de trabalho muitas vezes permanecem precárias. ‘É uma formalização no papel, mas não está mudando a qualidade do emprego e da ocupação em si’.”

Recentemente houve uma série de mudanças para o MEI que entrou em vigor a partir de 2018, profissionais como contadores, arquivista e *personal trainer* deixaram de se enquadrar nesse sentido. Já profissionais como: apicultores, locadores de bicicletas, dentre outros agora fazem parte dessa categoria. Outro fator que merece relevância é que o teto de faturamento anual passou de R\$ 60.000,00 para R\$ 81.000,00, ou seja, uma média de R\$ 6.750,00 por mês.

Assim, a lei em questão é um instrumento, cuja foi criada com a finalidade de formalizar e acompanhar pessoas e empreendimentos promovendo a inclusão social e econômica, por meio do planejamento, controle e condições favoráveis ao empreendedor que trabalhava na informalidade.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Contudo, as pessoas entram nesse mercado paralelo com o intuito primário de satisfazer suas necessidades mínimas, ou essências para sua sobrevivência e de seu núcleo familiar, garantindo provisoriamente a proteção à vida, essa proteção

poderá lhe remete a uma desproteção social e econômica expropriando seu tempo, seu lazer, sua família, dentre outros. Quando se pensa, nesse segmento é preciso reconhecer que é multifacetado, com fatores incentivadores e muitos entraves ao mesmo tempo, mas existe uma grande importância desse canal para economia, sobretudo para a vida de muitos brasileiros.

O trabalho informal é uma atividade econômica que não permite ter direitos trabalhistas, visto que não existem contribuições junto aos órgãos reguladores, ou seja, é uma atividade que não oferece garantias e benefícios ao trabalhador como: férias, décimo terceiro, hora extra, FGTS, licença maternidade e paternidade, vale transporte, vale alimentação, seguro desemprego e demais direitos previstos na legislação. Porém, muitas vezes ou na maioria das vezes, torna-se o caminho mais propício em uma sociedade que vive em um mercado desequilibrado.

Diante do apresentado nesta pesquisa, percebe-se o quanto é valoroso a Lei Complementar nº 128, de 19 de dezembro de 2008 que torna o empreendedor informal em um Microempreendedor Individual – MEI com direitos, obrigações e principalmente a possibilidade de ter um acompanhamento profissional em seu empreendimento.

Por fim, de acordo com os indicadores apresentados nesse artigo, esta pesquisa fica disponibilizada como fonte de referência, servindo oportunamente para que novas pesquisas possam ser realizadas neste contexto, visto que o tema abordado envolve uma situação atual, com significantes relevâncias para a economia e sociedade em geral.

## **ABSTRACT**

Nowadays, with the latest changes in economic, social and political relations in the country, due to the intense recession we experienced, it has generated a high rate of unemployment. It is necessary for people to be looking for other legal means of survival, through the informal market, thus becoming street vendors or street vendors, ie the person who sells products and services in the informal market on their own and without regulated by current legislation. This article has the general objective of verifying how this whole process involving the informal market focusing on entrepreneurship, current legislation, current market situation and economy in the moment of recession. Thus, a bibliographic analysis and the collection of information (materials published in books, journals, websites, articles, dissertations and theses) were carried out regarding the problem to be analyzed, seeking a response based on the hypothesis raised. In this way, it became possible to verify the particularities about such situation by relating entrepreneurship as a differential alternative to return to the formal market, self-employment or self-employment. As a conclusion, it is noticed that although there are some disagreements about informal work, it has been essential for the economy and survival of people, especially those based on entrepreneurship.

**Keywords:** Entrepreneurship. Entrepreneurship by opportunity and/or need. Legislation. Informal work.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIL. **Quase 1,2 milhão de MEIs terão registro cancelado**. Publicado na Revista Online VEJA, 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/quase-12-milhoes-de-meis-terao-registro-cancelado-diz-receita/> (acessado em: data...).

ADMINISTRADORES.COM. **A lei do microempreendedor individual – MEI e seus reflexos**. Publicado por Vitor Anderson Rubio no site Administradores.com, 2009. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/noticias/negocios/a-lei-do-microempreendedor-individual-mei-e-seus-reflexos/25027/>.

ANTUNES, Ricardo. **Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 8ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

CACCIAMALI, M. C. **Globalização e processo de informalidade: Economia e Sociedade**. Campinas, Unicamp, n. 14, 2000.

\_\_\_\_\_. Marchas e contramarchas da epistemologia do trabalho informal. In: OLIVEIRA, R.V.; GOMES, D.; MOREIRA, I, T. (Org.). **Marchas e contramarchas da informalidade do trabalho: das origens às novas abordagens**, Paraíba: João Pessoa, 2011.

\_\_\_\_\_. **Setor Informal Urbano e formas de participação na produção**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas-USP, 1983.

CHAHAD, José Paulo Zaetano. **Mercado de trabalho: conceitos, definições e funcionamento**. In: FILHO, André Franco Montoro et al. (coord.) Diva Benevides Pinho, Manual de Economia, São Paulo: Saraiva, 1988.

DOLABELA. **O segredo de Luísa: Uma ideia, uma paixão e um plano de negócios**. 30 ed.rev. Atual. São Paulo: De Cultura, 2006.

\_\_\_\_\_. **Oficina do empreendedor.** 1 Ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DOMBROWSKI, O. MARTINS, R. JAKOBSEN, K. (Orgs.). **Mapa do trabalho informal:** perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo. São Paulo: CUT e Fundação Perseu Abramo, 2000.

DORNELAS, José Carlos de Assis. **Empreendedorismo corporativo:** Como ser empreendedor, inovar e se diferenciar na sua empresa. 2.ed – Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

\_\_\_\_\_. **Transformando ideias em negócios.** 2.Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

ESTADÃO. **Trabalho formal por conta própria cresce durante a crise.** Publicado por Daniela Amorim no site Estadão, 2017. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,trabalho-formal-por-conta-propria-cresce-em-meio-a-crise,70002050866>.

FIALHO, Francisco Antônio Pereira; MONTIBELLER Francisco, Gilberto; MACEDO, Marcelo; MITIDIARI, Tibério da Costa. **Empreendedorismo na Era do Conhecimento.** Florianópolis: Visual Books, 2006.

FILION, L.J. **Empreendedores e proprietários de pequenos negócios.** Revista USP-Revista da Administração, São Paulo, 1999.

FURTADO, A. **Economia informal e trabalho informal:** duas faces da mesma moeda? Brasília: Câmara dos Deputados, 2004.

GOVERNO DO BRASIL – DF. **Agência de classificação de risco elogia “ampla agenda de reformas”.** Publicado no site Governo do Brasil, com informações do Ministério da Fazenda, 2018. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e->

emprego/2018/01/agencia-de-classificacao-de-risco-elogia-ampla-agenda-de-reformas.

GEM – GLOBAL ENTREPREURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Global. São Paulo: IBQP & SEBRAE, 2011. Disponível em: [http://www.excelenciaemgestão.org/portals/2/documents/cneg7/anais/t11\\_0327\\_1612.pdf](http://www.excelenciaemgestão.org/portals/2/documents/cneg7/anais/t11_0327_1612.pdf).

GLOBO – G1. **O que esperar para a economia em 2018**. Publicado por Karina Trevizan e Luísa Melo no site G1; 2018 Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/o-que-esperar-para-a-economia-em-2018.ghtml>.

GREMAUD, Amaury Patrick; VASCONCELLOS Marco Antônio Sandoval de; TONETTO JR, Rudinei, **Economia brasileira contemporânea**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2004. INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA (IBGE). Pesquisa nacional por amostras de domicílio – PNAD: 1997-2006. microdados (compact disc), Rio de Janeiro.

HASHIMOTO, M. **Espírito empreendedor nas organizações**: Aumentando a competitividade através do intraempreendedorismo. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

HISICH, R.D.; PETERS, M.P. e SHEPHERD, D.A, **Empreendedorismo** – 7.ed. - Porto Alegre: Bookman, 2009.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), **Pesquisa Nacional por amostra de Domicílio (PNAD)**, Pesquisa básica e suplementares – microdados - 2º Edição.

JORNAL DE NEGOCIOS SEBRAE – SP. **Dentista larga a carreira e faz sucesso com molhos para churrasco**. Publicado na Revista Online Pequenas Empresas & Grandes Negócios, 2018. Disponível em: <http://revistapegn.globo.com/Banco-de-ideias/Alimentacao/noticia/2018/01/dentista-larga-carreira-e-faz-sucesso-com-molhos-para-churrasco.html>.

\_\_\_\_\_. **MEI: Confira as Vantagens dos Empreendedores que se formalizam.** Publicado na Revista Online Pequenas Empresas & Grandes Negócios, 2018. Disponível em: <http://revistapegn.globo.com/MEI/noticia/2018/01/mei-confira-vantagens-dos-empreendedores-que-se-formalizam.html>.

LEONE, E.T. **O perfil dos trabalhadores e trabalhadoras na economia informal.** Escritório da OIT no Brasil (Série Trabalho Decente no Brasil; Documento de trabalho n.3). Brasília, 2010.

PASTORE, J. **Perspectivas e problemas do emprego no Brasil.** In: Seminário Brasil-Canadá: desafios para a criação de empregos, mar. 2005, Brasília.

POCHMANN, Marcio. **O trabalho sob fogo cruzado.** São Paulo: Ed. Contexto, 2000.

PORTES, A.; CASTELLS, M.; BENTON, L.A. **The Informal Economy: Studies in Advanced and Less Developed Countries.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989.

PREALC. **Sector informal: funcionamiento y políticas.** Santiago, Chile, 1978.

RONDONIA AGORA – RO. **Vendedores informais ocupam espaços públicos para tentar aumentar vendas no final de ano.** Publicado por Mariza Rocha no site Rondoniagora, 2017. Disponível em: <https://www.rondoniagora.com/especiais/vendedores-informais-ocupam-espacos-publicos-para-tentar-aumentar-vendas-no-final-de-ano>.

SASAKI, M. A. **Trabalho informal: Escolha ou escassez de emprego?** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2009.

SHANE, S., VENKATARAMAN, S., **The promise of entrepreneurship as a field of research, Academy of Management.** The Academy of Management Review, 2000.

SILVA, J. de S. e BARBOSA, J. L. **O sentido do trabalho informal na construção de alternativas socioeconômicas e seu perfil** no Rio de Janeiro. IETS, 2001.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios (in) visíveis da produção:** informalidade e precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. Rio de Janeiro, 2002. 219 p. Tese (Doutorado em Serviço Social). Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

TONELLI, F; QUEIROZ, A. Trabalho e sindicalismo no governo Lula. In: PASSARINHO, P. (org.). **Os anos Lula:** contribuições para um balanço crítico 2003-2010. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

ULYSSEA, L. **Informalidade no mercado de trabalho brasileiro:** Uma resenha da literatura. Texto para Discussão N° 1070. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Rio de Janeiro, 2006.

VASCONCELOS, Lia. **Realidade em preto e branco.** Revista Desafios do Desenvolvimento, n.17, IPEA, mar. 2005.